

PRODUÇÕES CULTURAIS LGBTQIAPN+ COMO MEDIAÇÕES ENTRE RELIGIÃO, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Lucas J. de Melo R. da Silva — IFRJ¹

Resumo: Este trabalho visa investigar como produções culturais protagonizadas por pessoas LGBTQIAPN+ podem operar como mediações estéticas, sensoriais e afetivas entre experiências religiosas e contextos seculares no Brasil contemporâneo, ao mesmo tempo em que tensionam dispositivos heteronormativos e coloniais que regulam gênero, sexualidade e pertencimento. A pesquisa se insere no diálogo entre antropologia da religião, estudos *queer* e estudos da performance, compreendendo a cultura como espaço privilegiado de disputa simbólica e política em contextos marcados pela centralidade histórica do cristianismo. A partir da análise de dois casos empíricos — a Festa da Chiquita e o espetáculo *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* — o trabalho examina como corporalidades dissidentes, performances e narrativas contra-hegemônicas reinscrevem símbolos cristãos e espaços ritualizados. Dialogando com a noção de “formas sensoriais” (Meyer, 2018), o estudo entende essas produções como dispositivos de organização do sensível que sustentam processos de subjetivação e pertencimento religioso dissidente. Argumenta-se que a produção cultural constitui uma ferramenta de autoconhecimento e transformação social, operando como mediação entre espiritualidade, identidade e cidadania.

Palavras-chave: religião, cultura, teologia *queer*.

1. INTRODUÇÃO: A DISPUTA PELO SENTIDO DO SAGRADO E AS FORMAS SENSORIAIS

A relação entre cultura e religião no Brasil configura um campo de disputas simbólicas e tensões institucionais, especialmente quando atravessada pelas experiências LGBTQIAPN+. No contexto nacional, onde o cristianismo centraliza valores sociais, a exclusão de sujeitos dissidentes evidencia os limites de uma religiosidade normativa. Esta pesquisa, contudo, entende que a espiritualidade se reinventa nas práticas culturais, operando como mediações estéticas, sensoriais e afetivas entre a fé e o secular.

A tese central deste artigo defende que a cultura constitui uma via privilegiada para a reelaboração da relação entre fé e identidade. Ao se apropriarem de símbolos cristãos e narrativas bíblicas, as produções culturais dissidentes não operam apenas no

¹Graduando do Bacharelado em Produção Cultural pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis. lucasmelo.procult@gmail.com

plano da denúncia, mas como gestos criativos de resistência e afirmação subjetiva. Trata-se de uma disputa hermenêutica pelo sentido do sagrado, na qual a arte e a ritualidade festiva tornam-se territórios de cura e pertencimento, permitindo que a fé deixe de ser um espaço de dor para se tornar um lugar de celebração da existência em sua plenitude.

A análise das dissidências sexuais e de gênero no campo religioso exige uma crítica rigorosa ao cristianismo hegemônico. A doutora em Ciências da Religião, Ana Ester Pádua Freire (2021) aponta que essa hegemonia fundamenta-se em uma "narrativa colonizadora" que ignora a integralidade do ser humano em favor de configurações estáveis e injustas. Ao mobilizar a Teologia Indecente de Marcella Althaus-Reid, Freire sustenta que as práticas artísticas LGBTQIAPN+ validam identidades marginalizadas. É crucial notar que a proposta de Althaus-Reid busca borrar as fronteiras entre o "santuário" e o "quarto", trazendo a dimensão sexual e corporal para o centro do debate teológico, desafiando a assepsia moralista institucional.

Dialogando com a noção de “formas sensoriais” (Meyer, 2018), o presente estudo compreende tais produções como dispositivos relativamente estabilizados de organização do sensível. Essas formas sustentam processos de subjetivação e a construção de um pertencimento religioso dissidente, desafiando a hegemonia de uma "narrativa colonizadora" que ignora a integralidade do ser humano. Assim, as práticas artísticas validam identidades marginalizadas ao borrar as fronteiras entre o santuário e o corpo

Complementarmente, a perspectiva fenomenológica do historiador Mircea Eliade contribui para desmistificar a ideia de que manifestações culturais dissidentes seriam profanas. Segundo Eliade (1992), “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de ordem totalmente diferente das realidades ‘naturais’”. Essa compreensão permite reconhecer que o sagrado não está restrito aos limites institucionais. Manifestações que reinscrevem símbolos cristãos nos corpos dissidentes não negam a religião; ao contrário, produzem novas experiências de fé, deslocando o divino para o território da vida vivida. Assim, as produções culturais podem ser compreendidas como hierofanias contemporâneas, revelando o sagrado onde a norma via apenas o profano.

2. ESTUDO DE CASO I: A FESTA DA CHIQUITA E A RITUALIDADE DISSIDENTE NO CÍRIO DE NAZARÉ

A Festa da Chiquita insere-se no Círio de Nazaré, cuja gênese remonta ao século XVIII com a narrativa de Plácido José de Sousa e a "santa fujona"² (BRITO; GOMES, 2016, p. 110). O Círio, desde sua oficialização, tem sido um campo de disputa entre o catolicismo institucional e as práticas populares. A Chiquita surge na década de 1970, consolidando-se no sábado da Trasladação. Ela não é um evento isolado, mas um desdobramento das margens boêmias que compartilha o mesmo território simbólico da procissão religiosa.

A festa utiliza a "carnavalização" como linguagem política e espiritual. No palco da Praça da República, a estética do exagero e do deboche, performada por *drag queens* e travestis, dialoga com hinos de resistência como Gloria Gaynor e Cazuza. Sob a ótica de Eliade, esse "excesso" não é mera diversão, mas a manifestação de uma ordem de realidade totalmente diferente. O riso e a performance *queer* ocupam o espaço por onde a berlinda passou, afirmando que o sagrado também se manifesta no corpo que dança e se subverte.

A existência da Chiquita tensiona as estruturas normativas da Igreja. Márcio Couto Henrique (2011) relata a resistência da Diretoria da Festa durante a elaboração do dossiê do IPHAN para o reconhecimento do Círio como patrimônio cultural:

No campo dos constrangimentos, cito aquele que foi, a meu ver, o maior de todos, motivo de calorosas discussões com os membros da Diretoria da Festa: a manifesta vontade dos diretores no sentido de excluir do inventário e do dossiê final a Festa da Chiquita, vista por eles como prática profana, ofensiva, sem relação alguma com o Círio de Nazaré. (HENRIQUE, 2011, p. 331)

Essa tentativa de exclusão revela uma estratégia de "delimitação moral" do sagrado, onde a instituição reivindica o monopólio sobre o que constitui uma expressão legítima de fé, rotulando a dissidência como ofensiva para preservar a hegemonia de seu projeto religioso.

A resistência institucional da Diretoria da Festa contra a Chiquita revela uma estratégia de "delimitação moral" e regulação sexual. Contudo, a festa evidencia o

² expressão oriunda da tradição devocional do Círio de Nazaré que remete ao relato fundador da devoção a Nossa Senhora de Nazaré, segundo o qual a imagem encontrada por Plácido José de Sousa no início do século XVIII desaparecia repetidamente do local onde era guardada, retornando ao ponto de sua descoberta; tal narrativa foi interpretada como manifestação do desejo da própria santa de permanecer naquele espaço, tornando-se elemento simbólico central para a consolidação da devoção e para a definição do percurso ritual da festividade (BRITO; GOMES, 2016, p. 110).

enfrentamento à heterocolonialidade que estrutura projetos de nação marcados pela regulação de gênero. Como uma "teologia popular dissidente", a Chiquita produz uma duplicação ritual que não depende da autorização eclesiástica, mas da intensidade da experiência coletiva e do reconhecimento mútuo entre sujeitos historicamente marginalizados por discursos normativos

Apesar da negação oficial, a Chiquita configura uma "teologia popular dissidente". Milton Ribeiro (2014, p. 198) observa que a festa mobiliza uma comunidade em torno de um objeto de devoção compartilhado. A fala de Elói Iglesias, figura central da história da Festa da Chiquita, durante entrevista em um programa de televisão, sintetiza essa conexão intrínseca: “viado é devoto [...] se a santa passar, ele se ajoelha” (AVISA LÁ QUE EU VOU, 2023). O corpo dissidente torna-se, assim, o lugar da manifestação do sagrado, onde a devoção é performada na emoção e no gesto corporal espontâneo.

Se, em um primeiro nível, a Festa da Chiquita pode ser compreendida como expressão de uma ritualidade dissidente que tensiona as fronteiras entre o sagrado e o profano, em um segundo nível analítico ela permite problematizar a própria definição de ritual no interior do campo religioso. Diferentemente das práticas litúrgicas institucionalizadas, cuja legitimidade decorre de sua conformidade com normas eclesiásticas, a Chiquita opera a partir de uma lógica inversa: sua eficácia simbólica não depende da autorização institucional, mas da intensidade da experiência coletiva que produz. Nesse sentido, o ritual não se define por sua ortodoxia, mas por sua capacidade de gerar pertencimento, afetividade e reconhecimento mútuo entre sujeitos que historicamente tiveram sua espiritualidade negada.

Tal deslocamento permite compreender a festa não apenas como apropriação de um espaço sagrado, mas como reconfiguração do próprio regime de sacralidade. Ao ocupar o mesmo território e temporalidade da procissão, a Chiquita não se coloca fora do Círio, mas produz uma espécie de duplicação ritual, na qual coexistem diferentes gramáticas do sagrado. O que está em jogo, portanto, não é a oposição entre religiosidade e profanação, mas a disputa entre formas concorrentes de definir o que constitui uma experiência legítima do divino.

Dessa forma, a Festa da Chiquita não apenas desestabiliza as fronteiras instituídas entre o sagrado e o profano, mas também reinscreve a experiência religiosa a partir de corpos historicamente marginalizados, evidenciando que a espiritualidade pode emergir precisamente nos lugares de dissidência e invenção simbólica. Ao reivindicar o espaço do Círio como território também seu, a festa explicita que a disputa não se dá

apenas no plano institucional, mas, sobretudo, no campo das sensibilidades, das performances e das narrativas que definem quem pode ou não acessar o divino. É nesse horizonte que se torna possível avançar para o próximo caso de análise, no qual a ressignificação da figura de Cristo, encarnada em uma corporalidade travesti, radicaliza ainda mais essa tensão, deslocando o debate do espaço ritual coletivo para a cena teatral e ampliando as possibilidades de uma teologia encarnada na experiência LGBTQIAPN+.

3. ESTUDO DE CASO II: *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS, RAINHA DO CÉU* E A ENCARNAÇÃO DISSIDENTE DO SAGRADO

A obra de Jo Clifford, interpretada por Renata Carvalho, apresenta um Jesus trans que dialoga sobre exclusão e acolhimento. A peça reinscreve a narrativa bíblica na contemporaneidade, estabelecendo paralelos entre a perseguição histórica de Cristo e a violência enfrentada pela população trans no Brasil.

O pesquisador Elton Bruno Soares de Siqueira (2019) analisa o corpo trans em cena como uma "heterotopia", fundamentando-se em Foucault. Diferente da utopia, que é um lugar sem lugar real, a heterotopia é um contra-espço físico e material:

[...] a mulher ou o homem transgênero criam no seu próprio corpo um outro lugar. Não um lugar de utopia, uma vez que o corpo que se performatiza é materialidade, é um lugar real. Pelo contrário, é a utopia que se materializa no corpo como uma heterotopia. (SIQUEIRA, 2019, p. 9)

O escândalo da peça reside, portanto, na materialização de uma teologia encarnada em um corpo que desafia todos os outros espaços normativos, agindo como um espelho que contesta a ordem estabelecida.

A rejeição ao espetáculo é subproduto da "cristonormatividade". Tiago Herculano da Silva (2023) define o termo como uma imposição de valores heterocisnormativos e patriarcais sobre a imagem de Cristo para fins de controle social: "É uma normatividade aplicada a sua imagem que representa a imagem e semelhança do patriarcado que construiu essa imagética" (SILVA, 2023, p. 15). Ao romper com esse padrão, a peça desafia o regime simbólico que sustenta o poder eclesiástico sobre os corpos.

A potência crítica do espetáculo, contudo, não se esgota na substituição de uma imagem por outra, mas reside na desestabilização do próprio regime de representação do sagrado. Ao apresentar uma Jesus trans, a obra não apenas amplia o repertório

imagético do cristianismo, mas evidencia que toda imagem de Cristo é historicamente construída e politicamente situada. Nesse sentido, o que o espetáculo coloca em crise não é apenas a norma heterocisgênera, mas a pretensão de neutralidade das imagens religiosas.

A reação pública à peça revela, portanto, um ponto sensível: mais do que uma disputa sobre doutrina, trata-se de uma disputa sobre visibilidade e reconhecimento. Quem pode ser visto como imagem de Deus? Quais corpos podem representar o divino sem gerar escândalo? Ao deslocar essas questões para o campo da performance, o espetáculo explicita que a exclusão de sujeitos LGBTQIAPN+ do cristianismo não se dá apenas no nível discursivo, mas também no nível imagético, por meio da regulação das formas legítimas de representar o sagrado.

Em contraponto às críticas, vozes como a de Hermes Carvalho Fernandes (2016) argumentam que "não há dilema que não caiba na cruz". William Galvão (2015) corrobora, afirmando que Jesus, hoje, estaria na luta pela causa trans, mantendo a continuidade lógica da encarnação com os oprimidos.

Renata Carvalho afirma: “fiquei grávida de mim mesma. Eu me pari” (APPES, 2020). Essa fala dialoga com o dogma da encarnação, em que o divino assume a forma humana de maneira paradoxal. A autogestação da identidade trans torna-se uma metáfora potente de transformação e criação de si, aproximando a experiência subjetiva da imaginação teológica do nascimento virginal e da emergência do novo.

Assim, *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu* desloca de maneira contundente os limites da representação religiosa ao inscrever a experiência trans como locus legítimo da encarnação, tensionando não apenas a imagem de Cristo, mas o próprio regime de inteligibilidade que sustenta a tradição cristã hegemônica. Ao materializar, no corpo em cena, uma teologia que emerge da dissidência, o espetáculo não apenas confronta a cristonormatividade, mas também revela a potência subversiva de uma fé que se constrói a partir da vulnerabilidade, da reinvenção de si e da recusa às categorias fixas. Nesse sentido, a obra não se limita a propor uma releitura simbólica, mas instaura uma experiência estética e espiritual que reabre o horizonte do sagrado como espaço de disputa, criação e pertencimento, reafirmando, em continuidade com os casos analisados, que é precisamente nas margens que novas formas de viver e significar o divino se tornam possíveis.

4. ANÁLISE TRANSVERSAL: A PRODUÇÃO CULTURAL COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO

A Teologia *Queer*, discutida pelo professor de filosofia, Mariano Croce (2023), propõe que o sagrado não deve ser buscado em estruturas normativas, mas nas experiências de resistência que constroem um novo cânone. Daniel Santos Souza (2025), doutor em Ciências da Religião, reforça que o ato primeiro da teologia deve ser a própria vida:

É a partir dos “infernos”, dos sofrimentos e das salvaçãoes que compreendemos os imaginários de deus, na sua capacidade de gerar vida & morte. A partir dos nossos poços, imaginamos deus, numa tentativa criativa e frustrada de dizer o mistério, ante as janelas que abrem nos horizontes de nossa vida. Não esperamos que aquela entidade absoluta e imutável legitime nosso viver. A vida se legitima em si mesmo, em toda a sua graça, em toda incerteza e melancolia. (SOUZA, 2025, p. 6)

A partir dessa perspectiva, torna-se possível afirmar que a produção cultural analisada neste artigo não pode ser compreendida apenas como expressão artística ou estratégia de denúncia, mas como espaço efetivo de elaboração teológica, no qual espiritualidade e identidade deixam de operar como categorias dissociadas. Ao reinscrever símbolos cristãos em corpos historicamente marginalizados, tais manifestações produzem condições concretas para a reconstrução de vínculos entre fé e subjetividade, especialmente em contextos marcados por exclusão institucional.

Esse deslocamento implica uma inversão significativa na compreensão da autoridade teológica. A produção de sentido religioso deixa de partir de sistemas doutrinários previamente estabelecidos e passa a emergir das experiências concretas dos sujeitos. Nesse contexto, a cultura funciona como dispositivo de tradução simbólica, tornando visível e compartilhável uma espiritualidade que, por muito tempo, foi silenciada ou considerada incompatível com a experiência LGBTQIAPN+.

Existe uma ponte temática fundamental entre a “vida que se legitima” em Souza e a “autogestação” de Renata Carvalho: ambas afirmam que a autoridade espiritual emana da existência vivida, e não da permissão institucional. Nesse cenário, os produtores culturais atuam como mediadores de uma “reparação simbólica”, ao ocuparem espaços normativos com linguagens dissidentes e promoverem gestos de reconciliação entre fé e identidade.

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que esse processo não se dá sem tensões. As manifestações analisadas evidenciam que o conflito não se estabelece entre fé e ausência de fé, mas entre diferentes regimes de legitimação do sagrado. De um

lado, estruturas institucionais que operam a partir da normatividade e da regulação moral dos corpos; de outro, práticas culturais que afirmam a experiência como critério de verdade espiritual. Nesse cenário, a cultura não apenas confronta a religião hegemônica, mas revela suas fissuras.

Em síntese, a Teologia *Queer*, articulada às reflexões de Croce (2023) e Souza (2025), aponta para uma reconfiguração profunda do locus teológico, deslocando-o das estruturas normativas para as experiências concretas de dor, criação e resistência que atravessam os corpos dissidentes. Ao afirmar a vida como princípio legitimador, essa perspectiva não apenas questiona a autoridade institucional, mas inaugura um novo horizonte hermenêutico no qual o sagrado é continuamente produzido nas margens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM NOVO HORIZONTE TEOLÓGICO

À luz das análises desenvolvidas, torna-se possível afirmar que a relação entre cultura, religião e dissidências sexuais e de gênero, no contexto brasileiro contemporâneo, não se limita a um campo de tensão, mas configura um espaço fecundo de produção de sentido, no qual novas gramáticas do sagrado emergem. Retomando o objetivo central deste artigo, verificou-se que as produções culturais analisadas, tanto a Festa da Chiquita quanto o espetáculo *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*, operam como dispositivos simbólicos de ressignificação da espiritualidade LGBTQIAPN+, deslocando o eixo da experiência religiosa das estruturas normativas para o território da vida vivida.

Nesse percurso, evidenciou-se que tais manifestações não apenas contestam a autoridade de uma religiosidade hegemônica, mas instauram práticas teológicas outras, nas quais o corpo dissidente deixa de ser objeto de exclusão para se afirmar como locus legítimo de manifestação do divino. Em consonância com a perspectiva fenomenológica de Eliade (1992), essas expressões podem ser compreendidas como hierofanias contemporâneas, nas quais o sagrado se revela precisamente onde a norma instituiu a negação. Ao mesmo tempo, a interlocução com a Teologia *Queer*, especialmente nas formulações de Croce (2023) e Souza (2025), permite compreender que essa emergência não é episódica, mas constitutiva de um novo horizonte teológico, fundado na experiência, na resistência e na criação.

A análise transversal reforça, ainda, o papel central dos produtores culturais como agentes de mediação simbólica, cuja atuação não se restringe à denúncia, mas se inscreve como gesto de reparação e reintegração subjetiva. Ao reinscrever símbolos

cristãos em corpos historicamente marginalizados, esses sujeitos produzem não apenas novas narrativas, mas novas possibilidades de pertencimento, nas quais fé e identidade deixam de operar em regime de antagonismo. Trata-se, portanto, de uma teologia vivida, performada e encarnada, que se constrói a partir das margens e, ao fazê-lo, reconfigura o próprio centro.

Dessa forma, conclui-se que a disputa pelo sentido do sagrado, longe de ser um conflito a ser resolvido, constitui um processo contínuo de negociação e reinvenção, no qual as produções culturais LGBTQIAPN+ assumem um papel decisivo. Ao deslocarem o divino para os corpos, afetos e experiências dissidentes, essas manifestações não apenas ampliam os limites do religioso, mas afirmam, de maneira contundente, que é precisamente nas margens, onde a vida insiste em existir apesar de tudo, que o sagrado encontra novas formas de se dizer, de se fazer presente e de transformar. Nesse sentido, não se trata apenas de afirmar que a cultura media a experiência religiosa, mas de reconhecer que ela própria se constitui como lugar de produção do sagrado, deslocando definitivamente o centro da teologia das instituições para a vida vivida.

REFERÊNCIAS

APPES, Cibele. Corpo, sua autobiografia. Brasil, 2020. Média-metragem (documentário). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CAoFoto7LIE&t=12s>. Acesso em: 10 mar. 2026.

AVISA LÁ QUE EU VOU. Círio de Nazaré. Apresentação: Paulo Vieira. Produção: GNT. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QtWyIJWPNL8>. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRITO, A. E. M. C; GOMES, D. L. A Festa da Chiquita: Espaço Sagrado e Profano na Fé-sta do Círio de Nazaré - Belém-PA. Revista de Geografia (Recife), v. 33, n. 01, p. 208-227, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistageografia/article/view/229161/23562>. Acesso em: fev. 2025.

CROCE, Mariano. Deus também é das pessoas queer: a teologia entre apologia e crítica que constrói um novo cânone. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, São Leopoldo, 22 ago. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/631651-deus-tambem-e-das-pessoas-queer-a-teologia-entre-apologia-e-critica-que-constroiu-um-novo-canone-artigo-de-mariano-croce>. Acesso em: 21 mar. 2026.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, Hermes C. Aos que se ofenderam com a crucificação na Parada Gay. Viomundo, 9 jun. 2015. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2026.

FREIRE, Ana Estér Pádua. Perversão teológica: notas sobre a Teologia Indecente de Marcella Althaus-Reid. Revista Periódicos, Bahia, v. 1, n. 14, p. 91-104, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/37042>. Acesso em: 02 fev. 2026.

GALVÃO, William. Se vivesse em nossos dias, Jesus defenderia a causa trans. Viomundo, 9 jun. 2015. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2026.

HENRIQUE, Márcio Couto. Patrimônio cultural, conflito e negociação: o Círio de Nazaré e a Festa da Chiquita. Revista Amazônica, Belém, v. 3, n. 2, p. 326–346, 2011.

RIBEIRO, Milton. Festa da Chiquita: sexualidade, ritual e dissidência no Círio de Nazaré. Gênero na Amazônia, Belém, n. 6, p. 184–212, 2014.

MEYER, Birgit. A estética da persuasão: as formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo. Debates do NER, Porto Alegre, ano 19, n. 34, p. 13-45, ago./dez. 2018.

SILVA, Tiago Herculano da. Cristonormatividade: tensões perante a imagem de Jesus trans em uma sociedade heteronormativa. Policromias, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p.

36–64, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/64174>. Acesso em: mar. 2026.

SIQUEIRA, Elton Bruno Soares de. O Evangelho segundo Jesus, rainha do céu: uma recepção ruidosa. In: Anais do IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero. Campina Grande, PB: Editora Realize, 2019. p. 1–12.

SOUZA, Daniel Santos. Uma teologia qualquer: a libertação e o problema dos “sujeitos históricos”. (des)troços: revista de pensamento radical, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 1-15, 2025. Disponível em: <https://share.google/BwwOhp7yAFfMo7bMB>. Acesso em: 22 mar. 2026.